INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR E A ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

GISLENE GOMES NUNES

RESUMO
A presente pesquisa tem como objetivo propor reflexões acerca das diversas situações de indisciplina no âmbito escolar, assim como a importância da atuação do psicopedagogo neste contexto. Nesse sentido, a figura do psicopedagogo surge como mais uma ferramenta pedagógica de intervenção para a prática docente, a fim de criar estratégias que favoreçam o desenvolvimento desses alunos, considerando suas reais necessidades. Levando em consideração aspectos que abrangem o trabalho do psicopedagogo no que se refere ao apoio pedagógico no desenvolvimento dos alunos, sendo um aliado na busca de soluções para questões que envolvem a indisciplina e consequentemente a dificuldade de aprendizagem. Dessa maneira, os aspectos apontados nesta pesquisa permitem reflexões em relação a indisciplina que leva à defasagem da aprendizagem, priorizando a atuação psicopedagógica para que essas ações contribuam com aprendizagens significativas e favoreçam a construção de cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Indisciplina; Psicopedagogo; Aprendizagens.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, nota-se um aumento considerável nos casos de dificuldades de aprendizagem no ambiente escolar, muitas vezes relacionada a indisciplina. Compreendendo a busca por uma escola inclusiva, numa proposta de escola para todos, é mais que natural que isso aconteça, uma vez que a
escola da atualidade busca não distinguir seus alunos, já que todos devem ter acesso à escola, garantido por lei.

O presente trabalho tem como objetivo explicitar questões relacionadas a indisciplina em sala de aula que contribuem para as dificuldades de aprendizagem, abordando a importância do trabalho do psicopedagogo e as intervenções que esse pode desenvolver nos casos de alunos com dificuldades de aprendizagem.

Assim, a cada ano ingressam na escola diferentes sujeitos, com demandas e especificidades distintas e que requerem um olhar especial dos profissionais da educação, para que esses possam considerar que, cada um, sujeito individual, aprende em tempos e de modo particular.

O trabalho do psicopedagogo no ambiente escolar é mais uma ferramenta de trabalho de apoio à prática docente, ou seja, mais um meio de auxiliar o professor no processo de ensino e aprendizagem.

A pesquisa foi desenvolvida por meio da revisão de literatura, ou seja, revisão bibliográfica, no qual foram pesquisados diferentes autores que dissertam sobre essa temática.

Dessa maneira, é apontado nessa pesquisa questões de indisciplina que contribuem para as dificuldades de aprendizagens que podem ser observadas no ambiente escolar.

Portanto, diante de tantos desafios espera-se que a escola consiga seguir o curso de seus objetivos em que questões de indisciplina não favoreçam as dificuldades de aprendizagem e que os recursos disponíveis sejam capazes de desempenhar um resultado positivo diante das possibilidades que a cada dia surgem no espaço escolar.

INDISCIPLINA, DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA

É sabido que existem diversas causas para justificar as questões de indisciplina no contexto escolar, porém, dentre os fatores pode-se destacar a situação social em desvantagem, a defasagem etária, problemas no âmbito familiar, dificuldades de aprendizagem e, no que se refere à indisciplina, problemas de comportamento.

Diante do exposto, Aquino (1996) enfatiza:

“Ora não é possível assumir que a indisciplina se refira ao aluno exclusivamente, tratando-se de um problema de cunho psicológico moral. Também não é possível creditá-la totalmente a estruturação escolar e suas circunstâncias sócio-históricas. Muito menos

atribuir a responsabilidade às ações do professor, tornando a um problema de cunho essencialmente didático pedagógico". (Aquino, 1996, p. 48)

Esperar que o aluno receba informações mecanicamente, sem expor posicionamentos, nem sequer questionar, acreditando na plena verdade do professor, além de manifestar profundo silêncio, não significa que o mesmo está absorvendo conhecimentos.
Nesta perspectiva, Rebelo (2002) cita a "educação bancária" que tem a função de transmitir ao aluno, de forma mecânica, conhecimentos historicamente construídos por meio de seu principal agente: o professor. Segundo a autora, nessa prática a obediência e o silêncio imperam para a garantia da transmissão de conhecimentos do professor para o aluno.
[...] a prática pedagógica é estruturada a partir dos quadros de referência ideológicos, morais e sociais de todos os envolvidos na dinâmica escolar: professores, diretores, alunos, pais, funcionários etc. Tais quadros se cruzam com todo o universo simbólico cultural (de valores, crenças, representações) que dão sentido a suas atitudes e comportamentos (PASSOS, 1996, p. 121).

Pensando nisso, se houver desinteresse por parte do aluno poderá gerar indisciplina, embora nem sempre um mesmo aluno seja indisciplinado com o mesmo professor, ademais poderá apresentar comportamentos diferentes com outros.
Para Oliveira (2009):

O aluno indisciplinado é aquele que não desenvolveu a autodisciplina, que não tem consciência dos efeitos do seu comportamento para o seu aprendizado, que não consegue discernir o certo do errado, que não respeita os princípios da democracia em um ambiente social e que, em consequência disso, acaba agindo de forma irresponsável, atrapalhando o andamento das aulas com atos de desrespeito, vandalismo e agressão (OLIVEIRA, 2009, p. 04).

No entanto, nota-se que ao longo do ano letivo a quantidade de educandos de uma faixa etária fora da escola aumenta, observamos um considerável aumento nos índices de desistência, o que também caracteriza o abandono escolar.
Uma outra razão pela apatia pode estar relacionada ao fato de o aluno não estar compreendendo a matéria, no entanto, a recusa em perguntar favorece um comportamento onde prefere tumultuar a aula. "Tendo atitudes que [interferem] no bom andamento das atividades [...] demonstra que o/a aluno/a não está aprendendo e [...] talvez impedindo que seus colegas também o façam". (REBELO, 2002).
No que concerne a regra e responsabilidade, é importante ressaltar que a indisciplina tem como causa não um único motivo, nem tão pouco "culpados". O que ocorre são fatos, ações que levam até ela. Tomando indisciplina como desobediência, como citado anteriormente, no contexto escolar.
Nesse sentido, Araújo (1996) destaca:

Enfrentar as indisciplinas da vida, portanto exige dos profissionais da educação uma nova postura, democrática e dialógica, que entenda os alunos não mais como sujeitos subservientes ou como adversários que devem ser vencidos e dominados. O caminho é reconhecer os alunos como possíveis parceiros de uma caminhada política e humana que almejam a construção de uma sociedade mais justa, solidaria e feliz. As relações na escola devem ser de respeito mútuo, a diversidade dos interesses pessoais e coletivos deve ser valorizado, e a escola deve buscar construir uma realidade que atenda aos interesses da sociedade e de cada um de seus membros. (Araújo, 1996, p. 232).

As dificuldades de aprendizagem ocorrem de forma recorrente na educação brasileira e também em outras culturas. Diante de uma grande diversidade encontrada na sala de aula, é possível observar ao longo dos anos uma grande e significativa mudança no perfil de aluno até então comumente encontrado nos bancos escolares.
Osti (2012) destaca os diversos fatores que abrangem as dificuldades de aprendizagem:

As dificuldades de aprendizagem abrangem vários fatores, uma vez que envolvem a complexidade do ser humano. Acredita-se

que podem ser decorrentes de um problema fisiológico, um estresse grande vivido pela criança, como, por exemplo, problemas familiares envolvendo a perda de algum parente, problemas com alcoolismo ou drogas, separação dos pais, doenças, falta de alimentação, falta de material e estímulos, tédio na sala de aula, baixa autoestima, problemas patológicos como TDH (transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade), dislexias, psicopatias, alterações no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios químicos, hereditariedade, problemas no ambiente doméstico e/ou escolar (OSTI, 2012, p. 47).

Ao longo do tempo é possível perceber que diferentes ciências buscam compreender os problemas de dificuldades de aprendizagem. Nesse contexto a medicina foi a primeira ciência que investigou essas questões, primeiramente com estudos de pessoas que sofreram algum tipo de acidente e com isso perderam algum tipo de habilidade. Esses problemas eram atribuídos a área neurológica e dessa maneira era sempre entendido que problema de dificuldades estavam ligados à essas lesões (Sánchez, 1998).

Mais tarde percebeu-se então que as dificuldades de aprendizagem não estavam unicamente associadas a problemas neurológicos, surgindo então a figura dos educadores e psicólogos pensando junto com os médicos em programas que auxiliassem esses pacientes, ainda assim com grande ênfase aos enfoques médicos e neurológicos (Sánchez, 1998).

Sánchez (1998) relata em sua obra que, mesmo com muitos anos de observação sobre as dificuldades, apenas em 1963 é que se deu a fundação do campo das dificuldades de aprendizagem com área de estudo, tendo sua origem no Canadá e Estados Unidos e em seguida sendo difundido em outras partes do mundo. A criação dessa fundação se deu por ser observado que muitas crianças apresentavam dificuldades de aprendizagem persistentes no campo da leitura e da escrita, sem nenhum motivo aparente, deficiência ou lesão que justificasse tais dificuldades. Com a constituição dessa fundação os avanços nessa área foram se ampliando, chegando-se assim em um patamar onde foi possível diferenciar as dificuldades por questões acadêmicas, relacionadas às habilidades comumente exigidas e observada no campo escolar, como leitura, escrita, habilidades matemáticas e no campo não acadêmico, relacionado às questões do cotidiano, como problemas de memória, visual, fonológicos dentre outros.

Dessa maneira inicia-se outro olhar para as dificuldades de aprendizagem, que mais tarde, na fase de integração que tem seu ápice na década de 80 com sua caracterização em uma área específica, com uma diversidade maior de tratamentos e formas de investigação. Segundo Cruz (1999) tem aqui também o ingresso de diferentes profissionais que contribuem para a investigação da dificuldade de aprendizagem e também acabam por dificultar uma decisão definitiva do que realmente é uma dificuldade de aprendizagem.

Observa-se também nesse período de integração uma maior relevância, segundo Cruz (1999) e integração entre fatores de ordem social, afetiva, cognitiva e pedagógica para se compreender a origem das dificuldades de aprendizagem. Essa etapa vem com uma evolução das etapas anteriores com relação as dificuldades de aprendizagem, que compreende que é necessário pensar nas soluções e não somente nos problemas, dando enfoque individualizado para seres humanos individuas como somos com características únicas.

As dificuldades de aprendizagem caracterizam-se por uma discrepância acentuada entre o potencial estimado da criança ou jovem e a sua realização escolar que se encontra abaixo da média, numa ou em mais áreas acadêmicas (Correia, 1991).

Para tanto, a intervenção psicopedagógica se faz fundamental, pois auxilia os professores com novas metodologias necessárias para a busca de soluções para a questão da indisciplina em sala de aula.

Diante do exposto, Portilho (2003, p. 125) destaca:

Psicopedagogia tem por objeto de estudo a aprendizagem do ser humano que na sua essência é social, emocional e cognitivo o ser cognoscente, um sujeito que para aprender pensa, sente e age em uma atmosfera, que ao mesmo tempo é objetiva e subjetiva, individual e coletiva, de sensações e de co-

nhecimentos, de ser e vir a ser, de não saber e de saber. Essa ciência estuda o sujeito na sua singularidade, a partir do seu contexto social e de todas as redes relacionais a que ele consegue pertencer.

A intervenção psicopedagógica é uma forma positiva de responder às necessidades e dificuldades de várias crianças ou jovens. Mais precisamente, a Psicopedagogia é uma área do conhecimento que se constrói a partir de dois campos com diferentes princípios teóricos e metodologias práticas: a pedagogia e a psicologia.
Dentro das diversas áreas de intervenção psicopedagógica, destaca-se a aquisição de métodos de aprendizagem e a estimulação da motivação da criança ou jovem (López, Nieto & Palacio, 2006).
Santos (2016) expõe:

O trabalho na instituição escolar apresenta duas naturezas: O primeiro diz respeito a uma psicopedagogia voltada para o grupo de alunos que apresentam dificuldades na escola. O seu objetivo é reintegrar e readaptar o aluno à situação de sala de aula, possibilitando o respeito às necessidades e ritmos. Tendo como meta desenvolver as funções cognitivas integradas ao afetivo, desbloqueando e canalizando o aluno gradualmente para a aprendizagem dos conceitos conforme os objetivos da aprendizagem formal. O segundo tipo de trabalho refere-se à assessoria junto a pedagogos, orientadores e professores. Tem como objetivo trabalhar as questões pertinentes às relações vinculares professor-aluno e redefinir os procedimentos pedagógicos, integrando o afetivo e o cognitivo, através da aprendizagem dos conceitos e as diferentes áreas do conhecimento. (SANTOS, 2016, p. 02).

De acordo com Bossa (1996) a intervenção psicopedagógica trata da interferência que pode ser realizada em sala de aula ou na clínica psicopedagógica, em especial para aqueles que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem.
Bossa (1996) explica que a psicopedagogia tem como um dos objetivos buscar melhorar as relações que se estabelecem no processo de aprendizagem e assim aprimorar o desenvolvimento dos alunos.
Além disso, a psicopedagogia tem como objeto central do seu estudo, além de compreender os processos de aprendizagem, compreender seus padrões, tanto evolutivos como patológicos, utilizando intervenções que visam interferir nesse processo, quebrando seus padrões e aprimorando as habilidades e superando os processos de aprendizagem do sujeito.
De acordo com Bossa (1996), as intervenções psicopedagógicas podem ocorrer de inúmeras maneiras, como por exemplo, numa interpretação realizada pelo profissional e demonstrada aos alunos, uma observação de análise e outros fatores, principalmente no que se refere a intervenção.

É importante salientar que as causas das dificuldades e dos transtornos de aprendizagem são diversas, e por isso não é uma tarefa fácil para os educadores reconhecerem e compreenderem essa pluricausalidade. As escolas acabam rotulando e punindo esse grupo de alunos à repetência ou reprovação apenas, o que pode vir a causar mais problemas psicológicos ao jovem no futuro. Neste contexto sugere-se que haja um trabalho em conjunto entre o psicopedagogo e o professor. (BOSSA, 1996, p. 03).

Ainda com relação as intervenções possíveis, é indicado que em sala de aula os alunos sejam agrupados pelas dificuldades ou ainda que possam, nas duplas produtivas, colocar um par mais competente com alguém com maior dificuldade, para que assim possam realizar as trocas possíveis.
Bossa (1996) explica a importância do papel do professor nesse processo, pois esse serve como intermediador nas ações, ou seja, ele é aquele que auxilia na caminhada e faz as observações necessárias para que o aluno alcance êxito. Além disso, é necessário que se examine com cautela os erros do aluno para que possam ser propostas as intervenções devidas.
As práticas docentes também precisam ser revistas, para que assim se possa orientar o professor para a maneira mais adequada de auxílio aos estudantes com dificuldades de aprendizagem, buscando com que haja uma parceria entre escola, professor e psi-

copedagogo na busca de uma organização curricular mais adequada, levando sempre em consideração aspectos sociais, afetivos e cognitivos do aluno.
Em relação a disciplina Franco (1986) faz alguns apontamentos:

A disciplina (...) significa a capacidade de comandar a si mesmo, de se impor aos caprichos individuais, às veleidades desordenadas, significa, enfim, uma regra de vida. Além disso, significa a consciência da necessidade livremente aceita, na medida em que é reconhecida como necessária para que um organismo social qualquer atinja o fim proposto. (FRANCO, 1986, p. 40).

E ainda, segundo Franco (1986, p. 25) "Só se alcança a disciplina através do trabalho do coletivo da escola, de uma escola onde o aluno se sinta feliz e corresponsável pelo êxito escolar". Os profissionais da escola e família têm que estar juntos para que os educandos possam ter vontade de estudar, respeitar os colegas e os profissionais da escola, e respeitar os colegas de sala de aula.
Vale destacar que no consultório psicopedagógico, a avaliação e intervenção psicopedagógica devem ser realizadas por uma equipa multidisciplinar composta por profissionais da área da Psicologia e da Educação. Esta equipa assegura o desenvolvimento de uma avaliação e intervenção psicopedagógica que contempla as necessidades e potencialidades da criança ou jovem e os vários contextos de vida, como o contexto familiar e escolar.
O psicopedagogo dedica-se a uma avaliação complementar das necessidades da criança ou jovem e é responsável pela intervenção psicopedagógica especializada, individualizada e regular junto da criança ou jovem de acordo com o plano de intervenção psicopedagógica.
As crianças necessitam de reforços positivos constantes, para que os comportamentos esperados e considerados adequados predominem.
Em relação ao ambiente escolar, é necessário que o professor por sua vez possa estabelecer um vínculo de confiança, demonstrando para a criança que entende suas limitações e que pode ajudá-la, por meio de variações do trabalho pedagógico.
Em suma há uma necessidade constante no empenho de todos os envolvidos no âmbito educacional de acordo com as necessidades da criança.
Na escola é de suma importância que o professor estabeleça regras explícitas, ignorar as formas de comportamentos que interferem na aprendizagem e elogiar e dar atenção a todas as formas de comportamento que facilitem a aprendizagem.

Sabemos que um professor sozinho pouco pode fazer diante da complexidade de questões que seus alunos colocam em jogo. Por este motivo, a constituição de uma equipe interdisciplinar, que permita pensar o trabalho educativo desde os diversos campos do conhecimento, é fundamental para compor uma prática inclusiva junto ao professor. É verdade que propostas correntes nessa área se referem ao auxílio de um professor especialista e à necessidade de uma equipe de apoio pedagógico. Porém, a solicitação destes recursos costuma ser proposta apenas naqueles casos em que o professor já esgotou todos a sua procedimentos e não obteve sucesso. A equipe, não raro, ao invés de estar desde o princípio acompanhando o trabalho do professor com toda a turma, é utilizada como último recurso para encaminhar somente aqueles alunos com dificuldades extremas em relação à aprendizagem. Neste sentido, o papel da escola fica restrito ao encaminhamento para serviços outros que, via de regra, só reforça a individualização do problema e desresponsabilizam àquela em relação às dificuldades do aluno. (Brasil, 2005, p. 9)

Assim, diante de dificuldades de aprendizagem provocada por questões de indisciplina, é compreendido a importância das intervenções realizadas pelo profissional psicopedagogo, contribuindo com as ações dos professores no ambiente escolar, afim de apoiar as educativas que estão não apenas transmitindo conhecimento, mas também preparando os alunos para se tornarem agentes de mudança positiva na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indisciplina é frequentemente discuti-

da, mas pouco se sabe sobre suas causas e como abordá-la de forma eficaz. Não basta simplesmente atribuir a culpa ao aluno, à família ou à sociedade. É fundamental aprofundar o conhecimento sobre o tema, buscando alternativas que favoreçam o diálogo entre professor e aluno, promovendo o entendimento e o respeito mútuo.

Diante do exposto, a figura do psicopedagogo surge com mais uma ferramenta pedagógica de intervenção para a prática docente.

Nesse sentido, o trabalho do psicopedagogo pode ser uma excelente ferramenta pedagógica, seja para o auxílio aos alunos com dificuldades de aprendizagem ou até mesmo para o auxílio e recomendações aos professores regentes.

Pode-se dizer que haverá avanços no aprendizado quando família e escola definidamente usarem sua posição de construção do indivíduo diante de suas necessidades de aprendizado conduzindo-o a sociedade em que vive para que o aprendizado seja eficiente, prazeroso e significativo na vida e nesse sentido, a figura do psicopedagogo faz-se necessário, como mais uma ferramenta de apoio ao aluno e ao professor, sempre em busca de aprimorar o processo de aprendizagem.

REFERÊNCIA

AQUINO, Julio G. (orgs.) Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas. In: LAJONQUIÉRE, Leandro de. A criança, "sua" (in)disciplina e a psicanálise. In: TAILLE, Yves de La. A indisciplina e o sentimento de vergonha. São Paulo: Sumus, 1996.

ARAÚJO, Ulisses F. (coor.) Disciplina, Indisciplina e a complexidade do cotidiano Escolar. In: OLIVEIRA, Marta k. (comp.) Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 1996.

BOSSA, Nadia. A psicopedagogia no Brasil. Contribuição a partir da prática, 1996.

BRASIL. Documento subsidiário à política de inclusão / Simone Mainieri Paulon, Lia Beatriz de Lucca Freitas, Gerson Smiech Pinho. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

CRUZ, V. (1999). Dificuldades de Aprendizagem: fundamentos. Porto, PT: Porto Editora.

FRANCO, L. A. C. A Indisciplina na Escola: Problemas de Educação Escolar. São Paulo: CENAFOR, 1986.

OLIVEIRA, M. I. de. Fatores psico-sociais e pedagógicos da indisciplina: da infância à adolescência. Linhas Críticas, Brasília, v. 14, n. 27 p. 289-305, jul./dez. 2009.

OSTI, A. Dificuldades de aprendizagem, Afetividade e Representações Sociais: reflexões para a formação docente. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

PASSOS, Laurizete Ferragut. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Sammus Editorial Ltda., 1996. cap. 8, p. 117-128

PORTILHO, E. M. L. Conhecer-se para conhecer. In: BARBOSA, L. M.

S. Psicopedagogia um portal para inserção social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 125-131.

REBELO, Rosana Argento. Indisciplina Escolar: Causa e Sujeitos - Coleção Temas Sociais, RJ, Vozes, 2002.

SÁNCHEZ, J. N. G. Historia y concepto de lãs dificultades de aprendizaje. In: Dificultades de aprendizaje. Madrid (ES): Ed. Sintesis S.A., 1998.

SANTOS, R. A. O Psicopedagogo na instituição escolar: Intervenções psicopedagógicas no processo de ensino-aprendizagem. 2016. Disponível em: <http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/artigos.htm>. Acesso em: 10 fev. 2025.